

Joyce Ho, Poklong Anading, Filippo Sciascia,  
Haiyang Wang, Mak Ying Tung 2

## We Didn't Mean To Break It (But It's Ok, We Can Fix It)

junho 27 – setembro 14, 2019

(A galeria estará encerrada para férias de 1 a 26 de agosto)

*We Didn't Mean To Break It, (But It's Ok, We Can Fix It)* reúne os trabalhos de cinco artistas que vivem na Ásia, cujas práticas constituem respostas transversais, mas incisivas, à observação que fazem dos seus ambientes sociais, culturais e/ou políticos. Para além de se encontrarem relativamente próximos geograficamente, o que aproxima as suas obras é, essencialmente, a capacidade de transformarem corajosamente impressões pessoais em linguagens complexas, mas visualmente estimulantes. Estas ecoam verdades universais contemporâneas, como é o caso dos efeitos da urbanização desenfreada, do desaparecimento de heranças locais e da propensão humana para responder a essas realidades com escapismo e clichés utópicos. Cada um dos artistas cria imagens em resposta ao que os rodeia através de uma variedade de meios que vão desde o vídeo, à escultura, instalação, objetos ou pinturas. Os resultados são pessoais e significativos para eles mesmos, mas dispõem-se igualmente à apropriação interpretativa do público, pois as narrativas, paisagens e preocupações que transmitem, não se encontram dissociadas da generalidade da condição humana.

**Joyce Ho** (n. 1983) é uma artista residente em Taiwan (Taipei), com formação em teatro e guionismo. Utiliza, geralmente, mais do que um meio nas suas criações, escolhendo a estrutura mais apropriada aos seus conceitos originais. Trabalha em âmbitos tão variados como vídeo, performance, escultura, instalação, pintura, entre outros. Um dos temas recorrentes na sua prática é a desaceleração – uma provável reação à rapidez em que corre a vida contemporânea. Com o objetivo de criar ruturas no tempo, a artista convida o público a fazer uma pausa e seguir instruções simples. Ao virar a nossa atenção para este tipo de ações encenadas, seja na assistência, seja como participantes, somos convidados a desconstruir o nosso olhar e mecanismos automatizados. Por exemplo, *Overexposed Memory* (2015) é um vídeo de dois minutos no qual a performer *alter-ego* de Ho (a artista trabalha frequentemente com a mesma intérprete nas suas obras ao vivo e filmadas) espreme e mastiga pedaços de vegetais e frutas. O acompanhamento sonoro em desacordo, mas também estranhamente sincronizado com a ação na tela, provoca a reminiscência de um crepitar de plástico, líquido em ebulição, ou até mesmo fritura. O vídeo exemplifica o processo de desaceleração através de uma narrativa sedutora e assente no tempo. As cores saturadas e acompanhamento sonoro inquietante levam-nos a amplificar apenas um ou dois sentidos do corpo, provocando prazer e desconforto. Outros trabalhos incluem a intervenção em pintura sobre uma série de capas de romances lidos pela artista. Estes tornam-se objetos pessoais híbridos ornamentados, envoltos na relação que a artista desenvolveu com o conteúdo, mas também com o próprio objeto-livro. Em exposição encontram-se peças resultantes da leitura de Ho da obra “1984”, de Orson Welles, e de “The Metamorphoses”, do poeta romano Ovídio.

**Poklong Anading** (n. 1975) é outro dos artistas em exposição que usa a desaceleração como técnica. O artista multidisciplinar das Filipinas, residente em Manila, é um *flâneur* da cidade,

caminhando, por vezes, horas a fio pela região metropolitana (uma área urbana onde habitam quase 13 milhões de pessoas). Anading foca-se nas marcas físicas e todas as minúcias em jogo na vida quotidiana ao ar livre desta metrópole do Sudeste Asiático. Dos seus passeios traz de volta (como se fosse apanhar cogumelos) absurdo e resíduos materiais. Através do manuseamento paciente e intuitivo, processa estes elementos, tornando-os em formas-objeto. Uma das séries pelas quais é conhecido, *Homage to Homage*, é criada a partir de andaimes improvisados encontrados na rua, que foram posteriormente moldados e cobertos em aço inoxidável espelhado. O seu vocabulário encontra-se algures entre a absorção que faz das imagens e gestos presenciados nas ruas, e a projeção dos mesmos através das suas obras. Para além dos seus passeios, utiliza às vezes o próprio corpo como meio de observação – através dos punhos converte o que o rodeia à saborosa escala humana. Um exemplo de formas que ecoam a presença das suas mãos pode ser encontrado na série *Dragon Kites*, composta por construções escultóricas feitas de carvão e ouro em painéis de madeira, uma das quais é exposta aqui. As peças *Dragon Kites* têm origem nos materiais usados pelo artista para cobrir e medir os andaimes antes de serem cobertos com o acabamento espelhado. Anading reutiliza e recicla materiais frequentemente, inspirado na arte japonesa de marcenaria dourada de kintsugi, à qual ele dá sua própria interpretação. A obra do artista retorna regularmente à sua própria fonte, revisitando os sinais que inspiraram a peça em primeiro lugar e reintegrando aquelas que classifica como as “falhas no sistema” que o cercam nas ruas.

Hoje em dia possuímos um constante fluxo de imagens ao nosso alcance, que vai muito além do que se encontra à nossa volta. Representar a realidade e as suas transições através da utilização de imagens produzidas por novas tecnologias é uma das linhas de trabalho de **Filippo Sciascia** (n. 1972) artista italiano que vive em Bali, Indonésia, desde 1997. O artista descreve-se a si mesmo como uma esponja que absorve imagens constantemente. A sua obra integra fotografia e objetos encontrados, esculturas e temas de pintura, materiais que se opõem entre o contemporâneo e o arqueológico. As influências de Sciascia vêm da história da arte em geral, dos egípcios a Duchamp e do veneziano a Cy Tombly. Combina uma consciência da composição clássica, cânones arquitetónicos e sofisticados acabamentos da Renascença, com uma obra consistentemente contemporânea, à medida que novos dados e experiências se introduzem naturalmente na sua paleta. As conexões que cria entre imagens e objetos acontecem ao longo do tempo. Algumas das suas obras compõem-se instantaneamente, enquanto que outras apenas se deixam constituir anos depois. Uma destas últimas encontra-se em exposição: *Lumina Clorofilliana*, uma escultura híbrida que consiste numa cabeça de dragão balinesa esculpida em pedra de lava vulcânica e um poste de carga industrial. Acredita-se que a escultura tenha vindo de uma estrutura maior, um canal de uma fonte ou outro tipo de sistema de drenagem. Conceptualmente, Sciascia faz referência às gárgulas da Idade Média Ocidental, que também eram usadas em sistemas ornamentados de drenagem de água na Europa, numa época em que a engenharia tinha de ser ornamental, para além de funcional. O poste é usado como apoio na construção pesada. A sua associação ao artefacto balinês confere-lhe o status de barroco. A peça cria tensão entre o histórico e o industrial, o pesado e o leve. Em Bali, Sciascia encontrou um catalisador natural para desenvolver sua própria pesquisa estética e artística, apoiando-se na tradição balinesa de prestar uma atenção suave e dedicada a cada detalhe do seu ambiente, seja ele uma porta esculpida ou uma junta de madeira. Entre o pictórico e o tecnológico, Sciascia assimila imagens tropicais e balinesas, explorando frequentemente variações de luz, de origem natural ou tecnológica. O seu corpo de trabalho engloba esculturas, pinturas e instalações com *ready-made*, com base na realidade, mas tocando, ainda assim, o fantasmagórico.

**Haiyang Wang** (n. 1982) é um artista chinês que vive em Pequim. Trabalhando principalmente a pintura, vídeo e animação, incomoda maliciosamente o seu público, submetendo-se a um processo criativo dramático e emocional. Nesta exposição apresenta uma série de aquarelas homo-eróticas

sem forma e da cor da pele, que refletem o seu pesar pela recente destruição da vila onde possuía um estúdio, nos arredores de Pequim. Nos desenhos, podemos distinguir formas e corpos que se mesclam e separam penetrantemente. A nudez e a vulnerabilidade parecem ser a mensagem mais poderosa, para além da destreza técnica do pincel. Acompanha esta série *The City of Dionysus* (2018), uma animação cómico-dramática em desenho, feita a partir das memórias de infância de um conto de morte que teve muito impacto sobre o artista e que conta a história de uma mulher idosa cujo cadáver foi descoberto no seu apartamento somente após este já ter chegado a um estado de putrefação avançado. O vídeo intercala imagens sexuais e animação, bem como filmagens reais da demolição do estúdio do artista. O trabalho de Haiyang Wang visa frequentemente os instintos humanos da vida e da morte e os ritmos cíclicos do desejo. O artista usa paredes azuis como assinatura pessoal para exibir as suas obras – uma ponte com a história da arte e, talvez, o azul de Yves Klein. Muito provavelmente, uma maneira de controlar parte do contexto em que suas investigações coloridas são expostas e proteger os seus conteúdos frágeis e em estado de quase abandono. Wang passou por vários procedimentos cirúrgicos nos últimos anos, o que o fez permanecer numa cama de hospital durante meses a fio. Enquanto incapacitante, esta experiência trouxe mais vividamente os temas do Eros e Thanatos à sua prática, bem como uma forte consciência sobre o corpo humano, as suas inibições, restrições e impulsos.

**Mak Ying Tung 2** (n. 1989; o acréscimo do número dois ao seu nome é uma recomendação de Feng Shui para o ano de 2019. O Feng Shui é uma tradição em Hong Kong, seguida de forma bastante generalizada pela população) é uma artista nascida e criada em Hong Kong, que trabalha a instalação, vídeo, escultura e acrobacias performativas. A sua obra baseia-se no humor e em observações sarcásticas da vida quotidiana, muitas vezes diretamente inspiradas na vida dos arredores de Hong Kong, ansiedade sobre seu próprio futuro e observações mundanas (que incluem, aparentemente, o Feng Shui). Conhecida por deslocar objetos comuns como se de uma partida mal intencionada se tratasse, a artista tenta capturar genuinamente as tensões emocionais que advêm da vivência das nossas vidas pessoais e profissionais na sociedade moderna. Nesta exposição, apresenta trabalhos que se debruçam sobre a sua investigação da hiper-realidade, descrita pela mesma como “a incapacidade que a nossa consciência tem de distinguir a realidade de uma simulação da realidade”, e pondera sobre o interesse das pessoas em escapar através de imagens fabricadas. A sua obra compõe um imaginário onírico, de praias paradisíacas e pores-do-sol, e, digamos, uma cortina de chuveiro, um tapete de banho e uma toalha. Nesse contexto de casa de banho, Mak Ying Tung 2 aponta para a ironia dos desejos humanos, que nos levam a cercar-nos dessas paisagens idealizadas, enquanto ignoramos voluntariamente que elas são uma ilusão. A artista faz gentilmente troça dos nossos hábitos e inconsistências, membros das sociedades pós-modernas tecnologicamente avançadas, e, ao fazê-lo, tenta dar sentido à sua própria existência.

Reunidos em exposição em Lisboa, estes artistas que vivem na Ásia revelam atitudes artísticas que, finalizadas ou não, confortáveis ou não, optam por prosperar entre as fendas das vivências quotidianas. Através das suas perceções e graças às nuances dos seus pontos de vista geográficos, oferecem uma diversidade de proposições artísticas que revelam como ponto comum uma certa coragem na expressão de opiniões pessoais. A forma como eles se envolvem ativamente com o meio que habitam, as suas interpretações estéticas internas e a vida em geral são, simultaneamente, formalmente satisfatórias e emocionalmente inspiradoras.

Estou grata pela oportunidade de juntar estas obras em exposição,

Cristina Sanchez-Kozyreva